

# NELSON WERNECK SODRÉ: “SUBVERTEMOS A HISTÓRIA OFICIAL”\*

Marly de Almeida Gomes Vianna\*\*

Não é fácil falar sobre alguém que foi um amigo pessoal e que já se foi. Conheci o general Werneck Sodré quando entrei para o PCB, em abril de 1961, primeiro como um autor que lia com especial interesse, no primeiro ano do curso de história da então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; depois como pai de uma companheira do Comitê Universitário e ainda como camarada de partido, embora com militâncias afastadas, pelo restrito de seu trabalho.



Nelson Werneck Sodré

São muitas as recordações de Werneck Sodré. Lembro, por exemplo, de haver tolamente discutido com ele, no Iseb, quando convidou-me para participar do grupo da História Nova. Respondi, naquela ocasião, quase indignada, que a militância – a agitação que entendíamos por militância – vinha em primeiro lugar. Ele lamentou, mas respeitou.

O general foi também a primeira pessoa que me disse da importância da pesquisa, da busca nos arquivos, contando de suas experiências. Eu gostava de chamá-lo general, para lembrar os militares de uma época em que se podia ter orgulho de muitos deles.

Werneck Sodré foi um grande estudioso do Brasil e o que pretendeu fazer – e fez bem – foi divulgar os conhecimentos que adquiriu durante anos de pesquisa. Sua obra mantém importância e atualidade. *História militar do Brasil e Memórias de*

*um soldado* são livros indispensáveis para a compreensão, não só de nossa história militar, mas da história de toda a República Velha. Seus trabalhos sobre a Independência, sobre a burguesia brasileira, sobre o colonialismo, o nacionalismo, sobre a formação histórica do Brasil são importantes não só para a historiografia brasileira, como para a compreensão de nossa sociedade.<sup>1</sup> Seu livro *História da literatura brasileira:*

*seus fundamentos econômicos*, que completou, em 2003, 65 anos, mantém integralmente seu valor.

Os trabalhos de Werneck Sodré sobre o tenentismo e sobre a insurreição de novembro de 1935, apesar de modestos no tamanho, estão, a meu ver, entre as melhores interpretações dos acontecimentos políticos que marcaram os anos 1920 e 1930 do século passado no Brasil.<sup>2</sup>

Além dos mencionados, há também os pequenos volumes escritos no calor dos fatos (*Quem matou Kennedy*) e que muito ajudaram à discussão dos acontecimentos na época em que ocorreram.

O que mais gostaria de salientar, nessa oportunidade, é o positivo do acervo que o general nos deixou, tendo sempre presente sua integridade pessoal, sua honestidade intelectual e sua militância partidária.

Quero primeiro chamar a atenção para o grande acerto de Nelson Werneck Sodré: sua perspectiva socialista e sua abordagem marxista tão atacadas pela já surrada e sempre mesquinha polêmica sobre o fim do socialismo – isso de decretar fins é muito antigo: o fim do homem, o fim do socialismo, o fim do trabalho, o fim do mundo...

\* Entrevista de Werneck Sodré a Márcia Coelho, *Leia*, São Paulo, julho de 1986.

\*\* Doutora em história pela USP, é professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos e professora do mestrado em história da Universidade Severino Sombra, em Vassouras.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.19.v0n42.2143>



Na minha época de estudante de história, quem pontificava no Rio do início dos anos 1960 era Hélio Viana, com sua abordagem erudita e militantemente recriadora da sociedade dominante. Nesse ambiente, uma nova abordagem, uma abordagem marxista da história, a visão das sociedades a partir dos modos de produção e da luta de classe representou muito. E foi em Werneck Sodré que estudamos essa nova abordagem.

Falo do Rio porque naquela época – em que a maioria dos livros que líamos estava em francês ou em castelhano – eram mínimos os contatos com São Paulo e porque não conheço como era o ambiente universitário paulista. Mas o marxismo, creio que aqui e lá, não entrava nas universidades. Talvez seja interessante lembrar que não há notícias de greves de professores naquela época. Nesse ambiente, a obra de Nelson Werneck Sodré nos

abria horizontes novos e a estudávamos como militantes comunistas que éramos e também como estudantes universitários. Essa divulgação do marxismo foi um dos grandes méritos de Werneck Sodré. Ele ajudou a solidificar uma nova abordagem da história aqui no Brasil, influenciando toda uma geração.

O general não era um homem vaidoso, embora tivesse orgulho de sua atividade. Uma vez, lá pelos idos de 1974, ele me disse: “Não sou um criador. O meu fazer foi principalmente divulgar uma visão de mundo, contribuir para que outros continuem. Esse foi o meu papel, que sua geração deve fazer avançar”. Grande papel que, tomara, nossa geração continue com a mesma garra e a mesma competência.

Werneck Sodré foi um autodidata e ressentiu-se sempre disso. Sobre seus estudos do Brasil ele disse algumas vezes, lembrando a forma como isso foi feito, das dificuldades que se apresentaram.

Esforcei-me por vencer essas dificuldades: sou um autodidata. Quando um historiador refere que um assunto que está sendo tratado na universidade, sinto-me assim um tanto inferiorizado pelo fato de não ser diplomado em história, nem ser diplomado em literatura. Na realidade só fui diplomado como militar [...] Como

todo autodidata tenho lacunas muito sérias na minha formação cultural. Sempre me preocupei com o preenchimento dessas lacunas. O que posso dizer, honradamente, é que fui um estudioso, procurei ser um grande estudioso [...] Nunca fui um improvisador, sempre fui um homem que procurou apoiar o que escreve em fontes e sempre repetindo; somos meros repetidores do que outros disseram, procuro ser um bom repetidor.<sup>3</sup>

Homem de sua época, Werneck Sodré compartilhou de uma visão nacional-libertadora da revolução brasileira – da mesma forma que outros intelectuais e militares comunistas – que se expressava bem no entusiasmo pelo desenvolvimentismo. Vale aqui citar Michael Löwy, quando comenta:

Os marxistas (e o próprio Marx) nem sempre escaparam à ideologia de progresso típica dos séculos XVIII e XIX, particularmente de sua visão otimista de desenvolvimento das forças produtivas [...] Enquanto cientistas sociais, os marxistas muitas vezes reproduziram o modelo positivista baseado na projeção, arbitrária, no campo da história e da sociedade, do paradigma epistemológico das ciências naturais, com suas leis, seus determinismos, suas “previsões” puramente objetivas e seu evolucionismo linear.<sup>4</sup>

Para situar a obra e o pensamento de Nelson Werneck Sodré, é preciso não esquecer que a visão de um desenvolvimento social progressivo e linear, estabelecido pelas diversas etapas de modos de produção a serem percorridas obrigatoriamente, era não só a posição oficial do PCB, como era compartilhada por amplos grupos progressistas da sociedade. Ao falar da fundação do Iseb, em 1955, disse o general: “Nossa idéia era pensar a ideologia do desenvolvimento”.<sup>5</sup>

Evidentemente ele deu-se conta da fraqueza dessa visão catequística (o termo é de Gramsci) sobre a seqüência linear – e obrigatória – dos cinco modos de produção (comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo). A meu ver, só não tornou pública sua revisão da etapa feudal no desenvolvimento brasileiro pelas críticas mesquinhas que começou a receber e que tanto o indignaram e magoaram. Quando enviei-lhe minha dissertação de mestrado, que fazia sérias críticas à aceitação de uma etapa feudal no Brasil, ele comentou o assunto como uma discussão já ultrapassada.

Nelson Werneck Sodré foi um intelectual e um militante de seu tempo, dos melhores que nossa

Nelson Werneck Sodré foi um intelectual e um militante de seu tempo, dos melhores que nossa sociedade produziu.



sociedade produziu. Seu trabalho ajudou-nos a superar atrasos clamorosos, a avançar pelo caminho que, continuado, leva à autocrítica militante contra todo o lixo intelectual “pós-marxista” que anda por aí: a morte da luta de classes, o fim das ideologias, o fim da história, o fim do trabalho, o “pós-tudo”, os “neoqualquer coisa”. As conseqüências do capitalismo que aí estão, nossa tragédia histórica, são transmutadas em uma “nova visão pós-moderna” pelos intelectuais bem-pensantes, sempre prontos a fazer qualquer coisa para ganhar o reconhecimento da ordem estabelecida.

Como foi decretada a morte do marxismo, então não é mais preciso ler os meus livros – ironizou o general. Eles já tiveram prestígio e hoje não têm. Mas o marxismo está sendo recuperado em países que têm interesse em avançar no domínio científico, pois ele é um método extraordinário.<sup>6</sup>

O general foi uma vítima a mais da banalização de nossa cultura: “saiu de moda”. Alvo fácil do mandarinato acadêmico, pois não era acadêmico, foi sempre e declaradamente um intelectual comunista militante. Tornou-se o alvo preferido daqueles que o consideraram logô superado, ou porque consideravam o marxismo superado ou porque consideravam o “partidão” superado, sem mais aquela (falo do PCB, não do seu sucedâneo).

O caminho trilhado pelo intelectual Nelson Werneck Sodré aponta para o futuro. Esse caminho teve seus percalços e, ao lembrar deles, é preciso lembrar também que toda obra é histórica. “Todos os livros correspondem a uma determinada época e são passíveis de perecimento. Fiz o que podia para que os que viessem depois de mim fizessem melhor”.<sup>7</sup>

Este nosso encontro aqui em Marília, São Paulo, buscando a revalorização da obra de Nelson Werneck Sodré é bastante significativo, pois mostra o valor do legado do general, o caminho trilhado por um intelectual que apontou sempre para o futuro, para o socialismo. Estou absolutamente segura que é para o marxismo que no século XXI terão também que se voltar aqueles que quiserem mudar o mundo. Não por acaso começam a surgir e a se multiplicar teses que tratam de nosso autor, como o belo livro de Paulo Cunha sobre a utopia tenentista.<sup>8</sup>

Voltando a citar Löwy:

A atualidade do marxismo neste final do século XX resulta de uma realidade objetiva: o domínio absoluto e irrestrito do capital sobre o planeta e as conseqüências catastróficas desse domínio para a grande maioria da humanidade. Reafirmar essa atualidade nada tem a ver com a codificação dogmática de todas as análises concretas de Marx (e de Engels) sobre tal ou qual aspecto da realidade social. Significa, pelo contrário, utilizar o método de Marx – que o definia como uma “dialética nacional [...] crítica e revolucionária” unindo a explicação do existente com a inteligência de sua negação, isto é, de seu historicismo humanista radical, de sua filosofia materialista da práxis, para interpretar e transformar o mundo em que vivemos; para explicar os fenômenos novos que não existiam em sua época; para corrigir e superar dialeticamente seus erros, limitações e lacunas.<sup>9</sup>

Dentro dessa visão, a obra de Werneck Sodré continua importante, atual e imprescindível. Para terminar, podemos lembrar palavras sobre o general de destacado intelectual brasileiro: “Nas mãos de pesquisadores como Sodré, a história se torna não um aglomerado de fatos ou idiosincrasias de especialistas, mas a chave de

compreensão de uma época e dos homens dentro dela”.<sup>10</sup> Ou palavras do próprio Werneck Sodré: “Em todos os tempos combati o bom combate [...] Já disse alguém, e disse bem: quem não tem posição política não tem alma”.<sup>11</sup>

## NOTAS

<sup>1</sup> *Introdução à revolução brasileira, Raízes históricas do nacionalismo brasileiro, A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro, Formação histórica do Brasil, História da burguesia brasileira*, entre outros.

<sup>2</sup> *O tenentismo, A intentona comunista*.

<sup>3</sup> Entrevista de Nelson Werneck Sodré à Folha de S. Paulo, sobre a doação de seu acervo à Biblioteca Nacional, julho de 1995.

<sup>4</sup> Michael Löwy, “Crisis del marxismo o marxismo crítico?”, em *Tesis 11 Internacional*, nº 4, abril-maio de 1992, Buenos Aires.

<sup>5</sup> Entrevista de Nelson Werneck Sodré à Folha de S. Paulo, sobre a doação de seu acervo à Biblioteca Nacional, julho de 1995.

<sup>6</sup> Entrevista de Nelson Werneck Sodré: “Um historiador que ainda acredita no socialismo”, em *O Globo*, Prosa&Verso, 7-3-98.

<sup>7</sup> Entrevista de Nelson Werneck Sodré, em Anabela Paiva, “As cartas do baú do general”, em *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31-7-95.

O caminho trilhado pelo intelectual Nelson Werneck Sodré aponta para o futuro. Esse caminho teve seus percalços e, ao lembrar deles, é preciso lembrar também que toda obra é histórica.

- <sup>8</sup> Paulo Ribeiro da Cunha, *Um olhar à esquerda. A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré* (Rio de Janeiro/São Paulo: Revan/Fapesp, 2002).
- <sup>9</sup> Michael Löwy, "Crisis del marxismo o marxismo crítico?", cit.
- <sup>10</sup> Emir Sader, Entrevista de Nelson Werneck Sodré: "Um historiador que ainda acredita no socialismo", cit.
- <sup>11</sup> Ivan Alves Filho (org.), Nelson Werneck Sodré. *Tudo é política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré em textos inéditos e censurados* (Rio de Janeiro: Mauad, 1998), p. 8. Cf. Paulo Ribeiro da Cunha, *Um olhar à esquerda. A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*, cit., p. 231.